

Podemos antever mudanças no próprio sistema político

● O sociólogo e professor na Faculdade de Economia de Coimbra acaba de lançar o livro *Portugal Ensaio contra a auto-flagelação*.

Acusados durante anos de apatia, como se explica esta revolta dos mais jovens pela mudança?

O que vemos, não só em Espanha como também na Grécia e aqui, é a juventude, com mais educação, que não se revê no sistema político democrático. Nem os partidos nem as políticas os convencem.

O que significam os movimentos?

É uma nova onda de democracia que está a emergir e que opera através de manifestações de rua, de forma pacífica. Sabe o que quer: uma democracia real, mais responsável perante os cidadãos e menos centrada nos bancos. Os jovens estão a revoltar-se porque

vêm o dinheiro do Estado a ser canalizado para resgatar bancos.

Que mudanças podemos antever?

Podemos antever mudanças no próprio sistema político, no sentido de haver mais participação activa dos cidadãos, que é uma discussão a emergir com muita força, e a Europa está a aprender com o que se passa noutras regiões, como a América Latina, onde essas formas estão mais desenvolvidas.

[A mudança] não pode ser uma iniciativa partidária; não parece que os partidos queiram integrar a democracia participativa que vêm como uma ameaça – serem os cidadãos a decidir, de forma organizada, em referendos, plebiscitos... e em articulação com a democracia representativa.

A.G.F.